

Língua e Identidade: a relação entre os usos da Língua Apurinã (Aruák) e a cultura do povo

Language and Identity:

the relationship between the language uses Apurinã (Arawak) and culture of the people

Patrícia do Nascimento da Costa
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Sidney da Silva Facundes
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Resumo. O objetivo deste artigo é apresentar elementos da língua Apurinã (Aruák) que demonstrem traços da cultura do seu povo, como aspectos sobre o modo de vida, a visão de mundo, os conhecimentos e valores tradicionais e o envolvimento com valores externos às suas experiências de vida, se configurando como um recorte de pesquisa que resultou em minha dissertação de mestrado. Nesse sentido, apontamos características do uso da língua reveladores da identidade dos Apurinã, que vivem próximos aos afluentes do rio Purus, região sudeste do estado do Amazonas, Brasil. Os procedimentos metodológicos utilizados envolvem levantamento bibliográfico sobre os estudos de identidade e os referenciais que relacionam tais estudos aos pressupostos teóricos da linguística, além da análise dos dados que foram coletados em viagens de campo. Também foram consultados trabalhos sobre a língua Apurinã, realizados pelo professor doutor Sidney da Silva Facundes, da Universidade Federal do Pará, e de seus alunos ao longo de mais de vinte anos em pesquisas. A presente investigação faz-se relevante por agregar informações, levantar questões e propor respostas relacionadas aos estudos sobre a língua Apurinã de forma a revelar, a partir de dados linguísticos, aspectos relativos à cultura e aos costumes. Além da contribuição acadêmica, este estudo também se justifica por integrar, junto a outros elementos, um conjunto de informações capazes de corroborar a legitimação deste povo, sua cultura e seu direito de existir socialmente. Os traços da identidade Apurinã evidenciados neste estudo são descritos, como um recorte da dissertação mencionada, principalmente, na perspectiva da sua relação com os seres da natureza.

Palavras-chave: Língua; Identidade; Apurinã; Aruák

Abstract. The purpose of this paper is to present elements of the Apurinã (Aruák) language that demonstrate features of the culture of its people, such as aspects about the way of life, the worldview, the traditional knowledge and values and the involvement with values external to their own life experiences, configuring itself as a research clipping that resulted in my master's dissertation. In this sense, we point out characteristics of the use of language that reveal the identity of the Apurinã, who live close to the tributaries of the Purus River, in the southeastern region of the state of Amazonas, Brazil. The methodological procedures used involve a bibliographic survey of identity studies and the references that relate such studies to the theoretical assumptions of linguistics, in addition to the analysis of data that were collected on field trips. Researches on the Apurinã language were also consulted, carried out by professor Dr. Sidney da Silva Facundes, from the Federal University of Pará, and his students over more than twenty years in research. This investigation is relevant for aggregating information, raising questions and proposing answers related to studies on the Apurinã language in order to reveal, based on linguistic data, aspects related to culture and customs. In addition to the academic contribution, this study is also justified by integrating, together with other elements, a set of information capable of corroborating the legitimacy of this people, their culture and their right to exist socially. The features of the Apurinã identity evidenced in this study are described, as an excerpt from the mentioned dissertation, mainly from the perspective of its relationship with the beings of nature.

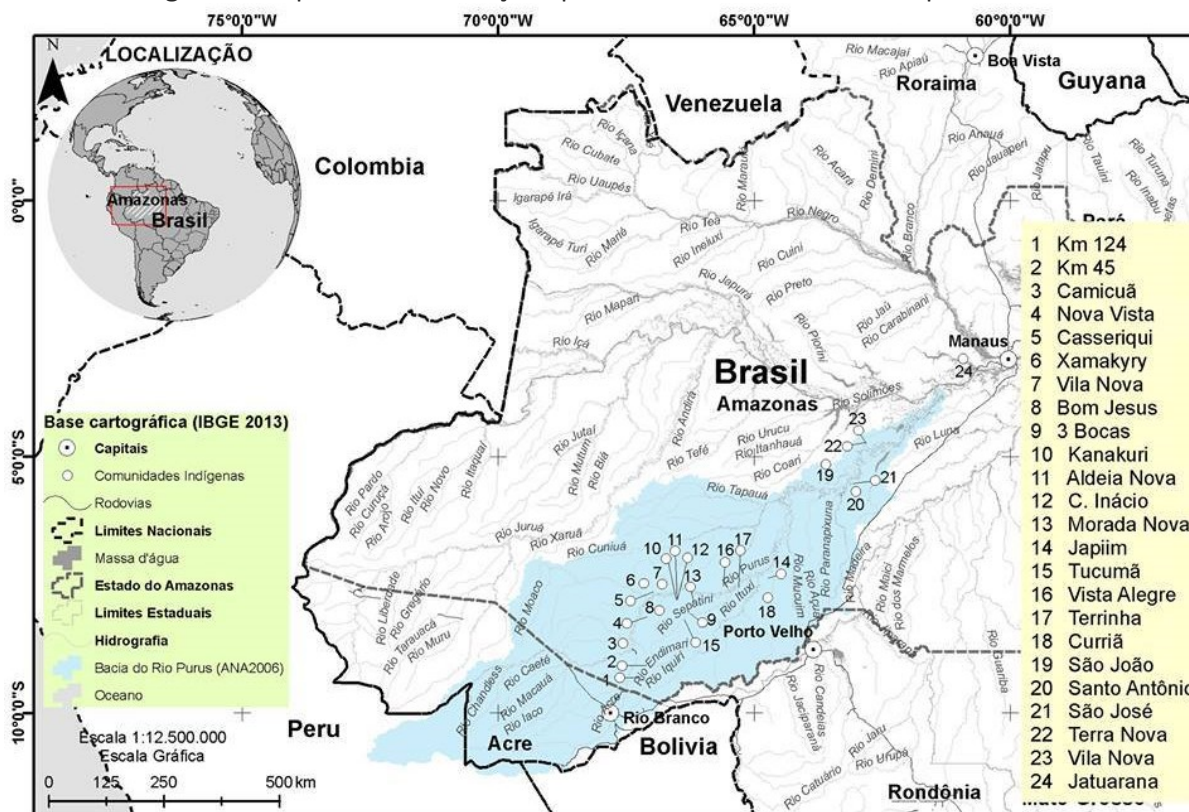
Keywords: Indigenous language; Apurinã ; Identity; Arawak.



1. O povo Apurinã

O povo Apurinã fala a língua de mesmo nome, da família linguística Aruák, e vive em comunidades espalhadas em vários afluentes do Rio Purus, no sudeste do Estado do Amazonas. Segundo Facundes (2000), são mais de 1.500 Km ocupados, na época, por mais de 20 comunidades Apurinã, ao longo do Purus. Segundo dados do censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgado no site da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), a população Apurinã é de aproximadamente 8 mil pessoas. Além das margens do rio Purus, os Apurinã localizam-se também em três comunidades na rodovia que liga as cidades de Rio Branco e Boca do Acre, no estado do Amazonas. Segundo Facundes (2000), o número de pessoas nas comunidades vem sofrendo alterações por conta de migrações constantes e da existência de indígenas Apurinã vivendo fora das aldeias, como nas periferias das cidades de Lábrea, Pauini e Tapauá, no Amazonas. As migrações, como explica Facundes (2000 *Apud* Brandão (2006), por sua vez, estão relacionadas a conflitos internos, epidemias e mortes de membros das famílias.

Figura 1: Mapa com a localização aproximada das comunidades Apurinã estudadas.¹



Fonte: FACUNDES; LIMA-PADOVANI e FREITAS (no prelo)

As principais atividades dos Apurinã são a pesca, a caça, a agricultura, a coleta e, dependendo da localização em que residem, a criação de bois acaba se tornando alternativa. Alguns Apurinã residem em áreas urbanas de cidades da Amazônia. Há, ainda, indivíduos Apurinã que passam a viver em áreas de outros povos por motivo de casamento.

¹ Produção técnica de Ronaldo Almeida Pereira, IEPA.





Segundo Schiel (2006), o povo Apurinã se subdivide em duas “nações”: Xiwapuryneri e Meetymanety. O que determina o pertencimento a cada uma delas é a referência paterna. Cada uma das “nações” possui regras de comportamento específicas. Por exemplo, os Meetymanety são proibidos de comer porquinho do mato e os Xiwapuryneri não podem comer dois tipos de inambu (relógio e macucau). As regras de casamento também são consideradas. As duas “nações” são consideradas como duas “metades” da etnia Apurinã. Dessa forma, Apurinã Meetymanety só pode casar-se com Apurinã Xiwapuryneri, já que o pertencimento a cada uma das nações se dá pela descendência do pai. Casar-se dentro de uma mesma metade significa para os Apurinã um tipo de casamento entre irmãos. No entanto, a espacialidade das aldeias Apurinã é muito variada e Schiel (2006) garante que não há registros que certifiquem a presença das duas nações em uma mesma aldeia.

Para os Apurinã, o rompimento dessas regras tradicionais podem gerar, inclusive, problemas de saúde, no caso, da quebra da regra alimentar, como constatou Schiel (2006), em pesquisa de campo com os Apurinã.

Por sua vez, o rompimento das normas para casamento também geram problemas sérios para os Apurinã.

2. Língua e Identidade

Entre os principais autores que discutem a relação entre língua e cultura estão Jonh Edwards (2009) e Stuart Hall (2006). Hall apresenta identidade como uma questão em decorrência das crises de diversas naturezas, na sociedade pós-moderna e descreve três concepções de identidade, às quais nos referiremos posteriormente. Edwards ressalta a importância de levar em consideração aspectos sociais para entender comportamentos linguísticos, e nos apresenta a possibilidade de estudar identidade de forma relacionada à língua no que se refere aos usos de seus recursos linguísticos. Além de estabelecer a relação entre língua e identidade, Edwards explica os fatores, aspectos e princípios psico-discursivos que nos fornecem indícios do valor extralinguístico que é a identidade de um indivíduo, falante de uma língua, em um determinado contexto social.

Edwards (2009) diz que questões sobre identidade tornaram-se recorrentes, mas são ainda pouco aprofundadas. Identidade é a “essência” de uma pessoa e se apresenta sob vários âmbitos: desde o ser mais individualizado até seu enquadramento social. Os aspectos observados são étnicos, de nacionalidade, religiosos, pessoais, de gênero e as variabilidades da linguagem, que estão, por sua vez, relacionadas à diversidade de comportamento entre os falantes de uma língua.

As três concepções de identidade, às quais se refere Hall (2006), estão relacionadas a valores que estiveram, ao longo da história das sociedades, associados ao homem como ser individualizado e social. A primeira, chamada de “identidade do sujeito do iluminismo”, está associada ao pensamento do homem iluminista, fortemente antropocêntrico e voltado para o seu eu interior como detentor da razão e da autossuficiência, cuja identidade estava significada em uma essência que se instituía no nascimento do ser e permanecia a mesma ao longo da vida, sem sofrer alterações históricas.

A segunda concepção de identidade, chamada de identidade do sujeito sociológico, assinalada pela vida do homem moderno, mantém a existência de uma essência interior, mas





baseia-se na hipótese de essa essência ser construída a partir do diálogo entre os valores do ser individual e os valores culturais da sociedade externa, o que revela uma postura interacionista dos sujeitos. Portanto, por esta perspectiva, a identidade é uma realidade que se constroi pela interação.

A terceira concepção de identidade apontada por Hall (2006) e, por sua vez, entendida como a mais adequada para nortear a pesquisa que gerou este trabalho, chamada de identidade do sujeito pós-moderno, surge no contexto da pós-modernidade em que a estabilidade assinalada no sujeito do iluminismo evolui para uma vida fragmentada em que cada indivíduo vive diversas realidades e para cada uma delas precisa assumir posturas diferenciadas. A ideia de uma identidade única e imutável é inviável na pós-modernidade. Na sociedade pós-moderna, a todo instante nos deparamos com situações diferentes para as quais assumimos uma nova identidade ainda que provisória. Nesse contexto fragmentado, a identidade torna-se um processo dinâmico, capaz de sofrer mudanças constantes às quais o homem contemporâneo está sujeito.

Edwards (2009) revela, com base em estudos de outros autores, que, a partir de 1980, os estudos sobre identidade, que levam em consideração aspectos linguísticos, tornaram-se mais frequentes, o que pode estar relacionado à necessidade de analisar um período de transição política em que esteja inserido o grupo ou comunidade em que se constitui o *corpus* da pesquisa, por exemplo, o que justifica o interesse em entender se características culturais são “aceitas” ou “impostas”.

Segundo Groebner (2004 *apud* EDWARDS, 2009) :

"Identidade", lembra ele, pode se referir à própria sensação subjetiva de si mesmo de um indivíduo; a "marcadores" de classificação pessoal que parecem ser tão importantes, tanto para si mesmo como para os outros; e também a marcadores que definem os membros do grupo.(tradução minha)

No contexto dessas pesquisas surge “uma nova abordagem interdisciplinar” denominada de etnografia linguística, levantada por Tusting e Maybin (2007 *apud* EDWARDS, 2009). Segundo Rampton (2007 *apud* EDWARDS, 2009), uma etnografia linguística pode ser constituída a partir dos aspectos de congruência entre o desenvolvimento da linguagem e da vida social dos sujeitos. Dessa forma, os contextos de comunicação, pelos quais esses aspectos se desvelam, “devem ser investigados e jamais supostos”.

Segundo Bonvillain (1993), na história dos estudos que relacionam a linguística a aspectos de etnicidade, dois teóricos têm papel importante: Edwards Sapir (1884-1939) e Benjamin Worf (1897-1941). Os dois estudiosos realizaram muitas pesquisas sobre várias línguas e culturas de povos nativos americanos. Bonvillain (1993) considera vários pontos que já foram listados ao longo dos estudos em linguística etnográfica, entre eles, os pressupostos teóricos de Dell Hymes (1974):

Para descobrir características culturalmente relevantes de variação situacional, o comportamento do discurso deve ser analisado em seu contexto cultural e social mais amplo. Uma etnografia da comunicação (Hymes 1974) inclui descrições de todas as normas explícitas e implícitas para a comunicação detalhando aspectos de parâmetros verbais e sociais de interação. (BONVILLAIN, 1993, pp.84-85 – *tradução minha*)





Dell Hymes é um dos primeiros e principais estudiosos que estabeleceu as primeiras possibilidades de fazer relações entre a língua e aspectos culturais do povo que a fala e menciona a Etnografia da Comunicação. Ele descreveu 6 aspectos importantes que devem ser considerados para a realização deste tipo de análise.

Citando Dell Hymes “o ponto de partida é a análise etnográfica da conduta comunicativa de uma comunidade”(Hymes 1974:9). Hymes lista vários componentes de comunicação que devem ser considerados, incluindo: 1) Participantes, fluentes na língua; 2) Código, usado pelos interlocutores; 3) Canal (fala, escrita, sinais não-verbais); 4) Contexto; 5) Forma ou gênero (conversa, conto popular, canto, debate); 6) Temas ou tópicos e atitudes. (BONVILLAIN, 1993. p. 85 – *tradução minha*)

Os estudos realizados nesse campo se dedicam a identificar as características dos povos, portanto, dos indivíduos que a eles pertencem, e suas línguas comprovando que a linguagem é a condutora mais eficaz das experiências vividas no interior das diversas comunidades. *“Pessoas em todas as culturas têm ideias sobre o mundo em que vivem baseadas em modelos culturais compartilhados de seu universo físico e cultural. Estes modelos são expressos e transmitidos em grande parte por meio da linguagem”*. (BONVILLAIN, 1993. p. 52 – *tradução minha*)

A palavra identidade tem em sua ancestralidade etimológica a palavra latina *idem*, e tem em sua essência o significado de semelhança. Aquilo que identifica o indivíduo ou o grupo tem relação com o que lhe é semelhante e é o que determina que ele é ele e não outro. A identidade individual, ou personalidade, pode estar relacionada com a identidade étnica pelo aspecto de que ambas estejam ligadas a características que atravessam o tempo no sentido de continuidade. Por exemplo, a primeira relação óbvia que encontramos entre um indivíduo adulto e uma fotografia sua, tirada na infância, pode ser unicamente o fato de se tratar da mesma pessoa, o que se revela como um traço de continuidade. Da mesma forma, a identidade social ou de grupo de um indivíduo está relacionada com os aspectos culturais que atravessam o tempo por meio de práticas, valores e conhecimentos tradicionais do grupo que o identifica como tal.

As relações entre a individualidade do sujeito e a sua face social se estabelecem também por meio dos usos que fazemos da linguagem. Por isso, fazemos aqui um recorte que propõe o estudo de identidade e língua. Vale ressaltar que, ainda assim, trata-se de uma questão complexa, uma vez que a própria linguagem, por ser condição essencial à vida humana, já é, em si, um tema que requer amplo trabalho de consulta e pesquisa.

Um aspecto importante é ressaltado por Edwards (2009), com base em outros autores: a fronteira que se estabelece entre o grupo e o meio social externo a ele se dá, ao longo da história, pela consciência de pertencimento ao grupo. Uma vez estabelecida essa fronteira, as dinâmicas culturais que acontecem em seu interior, mesmo as que transformam costumes, valores, conhecimentos e hábitos, dificilmente causariam a perda dessa noção de pertencimento; ou seja, essa fronteira, que no caso deste trabalho, trata-se de uma fronteira étnica, é determinante para o entendimento da noção de identidade que se tem internamente no grupo. Há casos em que podem ser formadas subcomunidades dentro de um grupo, como explica Cezario e Votre:

O indivíduo, inserido numa comunidade de fala, partilha com os membros dessa comunidade uma série de experiências e atividades. Daí resultam várias semelhanças entre



o modo como ele fala a língua e o modo dos outros indivíduos. Nas comunidades organizam-se agrupamentos de indivíduos constituídos por traços comuns, a exemplo de religião, lazer, trabalho, faixa etária, escolaridade, profissão e sexo. Dependendo do número de traços que as pessoas compartilham, e da intensidade da convivência, podem constituir-se subcomunidades linguísticas, a exemplo dos jornalistas, professores, profissionais da informática, pregadores e estudantes. (CEZARIO; VOTRE, 2012, pp. 147 – 148)

Edwards (2009) ressalta que estudos sobre linguagem que observam apenas elementos linguísticos correm o risco de negligenciarem aspectos relevantes que, se levados em consideração, concederiam à análise um caráter abrangente. Características sociais, políticas, culturais e até econômicas compõem um grupo de fatores que não podem ser ocultados. A insistência em descontextualizar os aspectos linguísticos pode resultar em trabalhos incompletos. Essa primeira consideração se faz indispensável para corroborar as relações existentes entre língua e identidade.

Para estabelecer critérios ao estudo da identidade é necessário atentar para fatores de caráter pessoal do indivíduo que pertence ao grupo pesquisado. Nesse caso, alguns comportamentos linguísticos que podem ocorrer com uma frequência considerável, podem ser denominados de “**psico-discursivos**”. Nesse sentido, é preciso levar em consideração aspectos de constituição da linguagem desse indivíduo para, a partir de então, avançar em direção à sistematização desses aspectos, desta vez, levando em consideração o grupo social do qual faz parte.

Outro fator importante que está relacionado à análise de língua e identidade está ligado aos aspectos de funcionalidade que envolvem uma língua: comunicação e o **caráter simbólico**. Ainda que o processo dinâmico natural provoque alterações nas suas formas de uso, o caráter simbólico, ainda presente, é capaz de subsidiar a sua inserção como objeto de pesquisa em trabalhos sobre identidade. Caberia enquadrar, sob essa reflexão, a variante dialetal de uma língua ou formas que apresentem variações em relação ao padrão. Ressaltando que, segundo o autor, “abaixo do padrão é uma expressão que não cabe no léxico do linguista”. Para Edwards (2009, pp. 4-5).

[...] uma língua que perdeu a maior parte ou a totalidade do seu valor comunicativo devido a mudanças pode [...] reter algo do seu valor simbólico por um longo tempo. Se essas duas facetas são unidas ou não, é a carga simbólica que a língua carrega que a torna um componente tão importante no entendimento da identidade individual e de um grupo.

Um outro aspecto que pode ser observado para esta análise é a apropriação de nomes. A prática de nomear seres e coisas pode ter significações particulares dentro de um grupo ou etnia, o que exige sensibilidade do pesquisador para identificar a relação existente entre a nomeação e o seu reflexo na forma de entender o indivíduo semelhante dentro de um grupo. Os nomes são elementos que possibilitam, por meio da linguagem, a criação de indícios sobre o que se pensa a respeito de si mesmo. Sobretudo, é preciso ressaltar que a identificação dessa prática de nomear estará mais explícita no espaço de uso considerado popular dos falantes, inviabilizando qualquer tipo de preconceito que privilegie apenas o registro padrão de uma língua.

Outra consideração relevante refere-se à impraticabilidade de se eleger superioridade de uma língua sobre outra, independentemente do caráter rudimentar que uma cultura possa apresentar em relação às demais, com base em suas práticas sociais.



O indivíduo pode apresentar muitas identidades dependendo da variedade de contextos situacionais em que se encontra socialmente ao longo de sua vida, em períodos históricos diferentes ou concomitantes. Além das identidades existentes, podem existir também identidades potenciais. Segundo Jenkins (2004 apud EDWARDS, 2009), as identidades que se estabelecem no início da vida têm, em geral, a tendência a se manifestarem de formas mais consolidadas, ou seja, apresentam menos flexibilidade para serem alteradas, diferentemente das adquiridas em períodos posteriores. De acordo com este autor, esse fenômeno é o que podemos classificar como **“efeito de primazia psicológica”**. Podemos, a partir disso, sugerir que indivíduos mais idosos têm mais tendência a valorizar sua identidade étnica mais ligada a valores tradicionais, que se manifesta por meio de suas práticas culturais, de religiosidade e linguísticas, porque foram educados por meio delas em sua infância. Já indivíduos mais jovens, cujas práticas sociais contemporâneas sofrem maior pressão de meios externos, cujo modelo de vida resiste à manutenção de usos tradicionais, sejam eles religiosos, culturais ou de linguagem, são educados com um grau menor de referência a aspectos étnico-tradicionais, desde a infância, o que pode ser um indício para explicar um menor apego psicológico a essas características, quando ocorrer.

No caso do estudo de língua e identidade, destacamos também sinais de semelhanças relacionados ao uso da língua pelos indivíduos Apurinã. Podemos ressaltar aqui marcadores linguísticos como idioletos, que se caracterizam como constantes linguísticas de uso individual e que podem se apresentar como uma marca de identidade da coletividade, uma vez que, o grupo é constituído de indivíduos. Dessa forma, as especificidades da fala de cada falante configuram-se para formar o todo, como explica Edwards (2009, p. 21):

Assim como uma distinção psicológica ou social entre os indivíduos e o coletivo reflete uma divisão mais aparente que real, alguém poderia argumentar que, mesmo o uso idioletal, é um fenômeno social ou coletivo, pela simples razão que toda (ou quase) toda língua implica alguém com quem falar, uma intenção comunicativa, uma ligação do indivíduo com outros, mas a importância da língua como marcador de identidade no nível do grupo é muito mais evidente que isso: todos estão familiarizados com um acento, um dialeto e variações linguísticas que revelam o pertencimento de falantes a uma comunidade de fala em particular, a uma classe social ou étnica e a grupos nacionais. (*tradução minha*)

Os grupos sociais podem ser relacionados em duas classes: voluntários e não voluntários. A primeira classificação agrupa classe social, movimentos, instituições e outros. Já na segunda classificação mencionada está o grupo social sobre o qual nos propomos à análise; étnicos e nacionais, cuja pertença do indivíduo ao grupo não está associada à sua vontade, mas a uma condição natural, como no caso, por exemplo das ligações às duas metades registradas no povo Apurinã, *Xiwapurynyry* e *Meetymanety* (aqui soletrados de acordo com a variedade de fala utilizada pelos falantes consultados em nossa pesquisa). Segundo Smith (1985 apud EDWARDS, 2009), grupos do tipo nacionais ou étnicos têm uma relevância fundamental para o estudo de língua e identidade por terem origem no campo simbólico e de memória, o que os valoriza em detrimento da necessidade de se fazer estudos que, obrigatoriamente, priorizam aspectos impostos pela sociedade moderna como a industrialização e o avanço tecnológico. Nesse contexto, é possível, em alguns casos, chegar à conclusão de que, em alguns grupos, o sentido de comunidade local foi mantido mesmo com a pressão da sociedade contemporânea e todo o seu aparato moderno. Por





outro lado, identidade é um estado flutuante que está sujeito à dinâmica do tempo, ou seja, não se pode dizer que um determinado indivíduo ou grupo “perdeu sua identidade”. O que podemos dizer sobre essa dimensão do conceito de identidade é que esta está em curso, em trânsito, em processo constante de construção.

3. Alguns resultados

Durante nossa coleta de dados, ouvimos várias histórias, relatos e conhecimentos do povo acerca da vida e das “leis” naturais que os indígenas respeitam e que para os não indígenas podem parecer como “crenças ingênuas” de povos rudimentares sem domínio da ciência. Pelo contrário, a partir das leituras que fizemos ao longo da pesquisa e da tímida convivência com os Apurinã durante o trabalho de campo, entendemos que esses conhecimentos devem ser entendidos, de fato, como uma das possibilidades de viver a existência, justamente porque esta só pode ser explicada a partir desta relação do indivíduo com o outro e com a natureza. O significado de quem somos está diretamente relacionado a nossa maneira de viver. Entre as histórias que ouvimos, a maioria retrata essa relação com a natureza. Por exemplo: para os Apurinã (do baixo Purus), o homem não pode, em nenhuma hipótese, comer um peixe chamado Jacundá (*matyry*), pois este vive em baixo dos “paus” (das árvores) e o homem, nos costumes Apurinã, é o responsável pela derrubada dos “paus” para várias atividades como para fazer roçado. Dessa forma, nos conhecimentos Apurinã, quem comer o peixe pode ser atingido por uma árvore quando for realizar a derrubada.

Caçar também é tarefa dos homens, um dos principais animais é o “catitu” e o porco do mato, chamado de “queixada” pelos indígenas. Segundo uma das colaboradoras, não se pode comer a pata trazeira dos “queixadas”. Se comer, na tentativa de caçar o “queixada” ficará sempre para trás, jamais alcançará a caça.

Durante uma oficina de ensino da língua Apurinã, na cidade de Tapauá (AM), em uma das atividades aplicadas, a tarefa era relacionar a imagem de um peixe à palavra ‘peixe’, em Apurinã, *Ximaky*. No entanto, para eles não fazia sentido pois o ideal seria associar a imagem ao nome da espécie de peixe com a qual a foto se parecia. Como a atividade era coletiva, precisava-se que entrassem em consenso sobre o nome do peixe, o que revela o grau significativo de sua relação com a fauna e a flora envolvidas no ambiente em que vivem.

Para os Apurinã, o respeito a alguns seres da floresta, que eles chamam de espíritos ou chefes de algumas espécies de plantas, por exemplo, é condição natural para que estejam protegidos. A árvore de buriti, por exemplo, tem um status de “sagrado”, no sentido de um ser temido, que algumas regras não podem ser ultrapassadas, ao ponto de ser o buritizeiro associado a um ser que eles chamam de chefe (“awĩthe”) do buriti, o que entendemos como um espírito ou entidade que guarda a árvore. Caso seja desrespeitada, o “chefe” do buriti “solta” flechas nos Apurinã.

A forma como os indígenas veem os outros seres delimita também a forma como eles se veem no mundo, no seu ambiente, o que fica marcado pela forma como os Apurinã se relacionam em suas diferentes realidades.

Algumas perguntas que compunham o questionário (um dos instrumentos utilizados em nossa coleta de dados) nos forneceram relatos pessoais, estes referem-se, principalmente, a





conhecimentos e valores tradicionais da língua Apurinã como, por exemplo, a descrição da festa do *Kyynyry* (Xingané), suas danças e rituais; textos pessoais memoriais sobre os costumes vividos pelos colaboradores durante sua infância (hábitos, cantigas, modo de vida, etc.); as relações interpessoais de parentesco; e percepções pessoais dos colaboradores em relação ao valor simbólico da manutenção de sua cultura.

O conteúdo a seguir corresponde à descrição do ritual festivo do povo Apurinã, chamado de *Kyynyry* (ou Xingané, no português regional). No início do relato, ele narra um momento do *Kyynyry* que antecede a dança. Nele, os membros da aldeia anfitriã recebem o grupo de outra comunidade que participa do ritual interrogando-o sobre sua origem e a veracidade da sua existência material humana, supondo que os membros da comunidade podem se tratar de espíritos de ancestrais ou de animais. Nesse momento, acontece a discussão chamada de *Kyynyry*, traduzido em português como “cortar sãgire”, em que “cortar” corresponde a “discutir” e *sãkire* é o termo para ‘língua’. Durante o relato, o colaborador, inclusive, cantou algumas músicas que fazem parte do *Kyynyry*.

Além desse relato tradicional, o colaborador também descreve elementos de sua infância, as brincadeiras que fazia e a sua relação com a mãe; associa os tipos de alimentos que eram próprios de sua época de infância à figura do pai (“no tempo do meu pai a gente comia ...”). Ele explica que passava dias na mata dormindo em uma espécie de “tocaia”, como um “mappinguari”, em formato de cuia virada para baixo, enquanto os adultos caçavam².

- (1) Nuta n-yri-nhi-kata ytyry ãky n-awa
 1Sg. 1Sg-pai-Afet-Assoc tocaia dentro 1Sg-existir
 'Eu vivia dentro de uma tocaia.'

Um dos aspectos que se evidencia nesse relato é o fato de o colaborador ter manifestado espontaneamente a vontade de recordar e cantar para “mostrar” as músicas que sua mãe cantava para ele, o que, pelas letras, em repetição de versos, e pela melodia infantil, poderíamos comparar empiricamente às cantigas de ninar e de roda que conhecemos.

- (2) ny-pyra-nhi thumapy. Karyuma-nhi thumapy
 1Sg-criação-Afet cansar Karyryma-Afet cansar
 'Minha cachorra cansou. A coitada da karyuma cansou.'

- (3) Irary-sawaky u-si-pi-na-wa ny-pyra-nhi. Thumapy karyuma thumapy
 queixada-Temp 3F-ir-Pftv-Pl-Refl 1Sg-criação-Afet cansar Karyryma cansar
 A minha cachorra foi no meio dos queixadas e cansou

Um aspecto importante que pode ser ressaltado em relação a esse trecho e que está associado à questão da identidade envolve a forma como o colaborador se refere a sua cachorra. Na letra da música a expressão “*minha cachorra*” é representada pela forma em Apurinã que corresponde, literalmente, à ideia de “*minha criação*”, igualando-se, por exemplo, em termos de sentido, a expressões como “*minha criação de animais*” ou “*minha criação de porcos*”, que são utilizadas em português quando nos referimos a grupo de animais domésticos. *Pyra* é a forma usada

² Ao longo deste trabalho, a segmentação morfológica ignora os detalhes da estrutura da palavra que não são importantes para a compreensão do sentido do enunciado.





para marcar posse indireta de animais em Apurinã (FREITAS, em elaboração), de maneira análoga ao que acontece com a quantificação de nomes de massa em línguas como o português, quando, por exemplo, é necessário utilizar um elemento intermediário para que tais nomes sejam quantificados. Assim, dizemos normalmente "um quilo / uma xícara / uma colher... de açúcar", mas não "um açúcar". No relato em análise, o colaborador se refere a um único elemento (a cachorra), de nome *Karyuma*, fazendo uso dessa mesma ideia de "criação". A palavra *anãpa* significa "cachorro", e para ser possuída, é acompanhada da forma *nypyra*, em que *ny-* expressa o elemento possuidor, *pyra* significa 'criação' e *-nhi* se caracteriza como uma marca morfológica que faz associação com o sentimento de *pena* ou *empatia* em relação à pessoa, animal ou objeto referido pelo nome no qual ele é empregado (BARROS, 2017).

Esse comportamento linguístico, que foi observado em outras situações de fala dos Apurinã (que serão apontados aqui) demonstram uma forma diferenciada que os Apurinã apresentam ao se relacionar com elementos da natureza, não aceitando a possibilidade de possuir diretamente um animal, distanciando-se desse caráter de possuidor, no sentido de exercício de poder, por meio da expressão *ny-pyra* (minha criação). Esse nosso entendimento se deu a partir de uma comunicação interpessoal com a professora Marília Freitas, da Universidade Federal do Pará, doutoranda em estudos linguísticos, que realiza pesquisa sobre marcas de posse em Apurinã e que, compartilhou-nos um dos seus dados coletados na mesma viagem de campo realizada para esta pesquisa. O dado trata de uma situação de fala em que um Apurinã refere-se a um único animal *pathery / pathari* (galinha), com a marca de posse *ny-*, utilizando o termo *pyra* (criação) para referi-la. Esse registro de fala ocorreu no ano de 2015. Já a cantiga que gerou nosso dado em análise, embora tenha sido cantada também em 2015, corresponde a uma cantiga infantil cantada pela mãe do colaborador, de 50 anos de idade, durante a infância dele. O que se revelou para nós como o cruzamento histórico de um comportamento linguístico que ocorria há cerca de 50 anos e continua ocorrendo até hoje, demonstrando assim a manutenção, ao longo do tempo, de traços linguísticos relacionados à visão de mundo do povo Apurinã, portanto, uma marca de identificação do grupo étnico ou de sua identidade.

Os dados a seguir são de relato que tem características pessoais e tradicionais. Nele encontramos trechos que descrevem costumes, como quando explica o ritual do *Kyynyry*; modo de vida, quando explica o tipo de roupa que era usada pelos indígenas num período que corresponde à infância da colaboradora, e descreve os utensílios domésticos utilizados à época, o material e a forma como eram fabricados; e trechos que descrevem fatos, da vida pessoal da colaboradora e percepções dela sobre a sua cultura, seu povo, sua identidade.

A primeira observação que fazemos sobre os dados extraídos do relato refere-se a um fato que julgamos relevante, uma vez que se evidenciou ao longo de vários trechos do relato pessoal. Nos exemplos 4, 5, 6, 7 e 8 (a seguir), há uma ocorrência linguística que conhecemos como alternância de código ou *code-switching*. Este fenômeno se dá quando um falante, bilingue ou multilíngue utiliza em uma mesma situação de fala ou no mesmo discurso itens lexicais ou discursivos de mais de uma língua sobre a qual tem domínio.

Nos exemplos 4, 5 e 6, o falante faz uso da palavra *mamãe* (português) dentro de um discurso que produziu em Apurinã. Outro fato importante é que o fenômeno ocorreu na posição sintática de





vocativo, na sentença. Esse fenômeno apresenta um imbricamento entre o português e a língua Apurinã no cotidiano de fala da colaboradora. Além disso, consideramos que esse fenômeno se constitui como uma característica pessoal de fala, desse modo, um aspecto da individualidade contribuindo como um traço de identidade no interior do grupo étnico Apurinã. Isto é, a questão é se o uso de code-switching em contextos claramente de interação familiar indica algum tipo de mudança na relação pais e filhos em direção àquela da sociedade não indígena. É importante notar que a consultora Apurinã e sua família vivem já há vários anos em uma comunidade a poucos quilômetros da cidade, distância normalmente percorrida por eles a pé em uma hora ou menos.

(4) mamãe, axymyna aãpa xamyna
lenha 1PI-buscar lenha
mamãe, vamos buscar lenha

(5) Kuna, mamãe, kēpatsupa aãpa
Não ser.folha 1PI-buscar
Não é preciso prato, nosso prato é folha mesmo

(6) Cuide, mamãe. – Ateeneka.
tudo.bem
Cuide, Mamãe. –Tá. Tudo bem

No exemplo 7 (a seguir), o fenômeno também foi encontrado, mas, desta vez, não apareceu na posição de vocativo. Neste exemplo, a colaboradora produz a alternância de código quando expressa a ideia de quantidade. Esse exemplo pode ser explicado pelo desejo da consultora de permitir à entrevistadora (que não fala a língua Apurinã) acesso imediato a um aspecto importante da informação, a grande quantidade de netos.

(7) 'aumentando agora' n-umekanyria-akury 'muito agora'
1Sg-neto-PI
aumentando agora, meus netos 'muito agora'

No exemplo 8, o falante usa a expressão “a cultura, né” dentro de um discurso que produziu em Apurinã. Neste caso, além do fenômeno da alternância de código, este trecho do relato nos fornece outra informação importante: a colaboradora associa a ideia da palavra *cultura* (para a qual não há correspondente exato em Apurinã) à expressão *nossa casa*, o que nos indica uma relação expressiva entre os costumes, conceitos ou valores tradicionais, que ela chama de *cultura* e a sua morada, o seu espaço de moradia. Ou seja, a cultura Apurinã incluiria viver em um 'lar Apurinã'. Note que a forma *awinhi* foi usada, e não *aiku*. Ainda que ambas as formas sejam sinônimas, somente a primeira deriva do verbo *awa* 'existir', seguido do sufixo de gerúndio *-inhi*:

(8) kuna atha takanapa-ry a-awinhi 'a cultura, né' kuna atakanapa
Não 1PI deixar 1PI-casa não 1PI-deixar
nós não deixamos a nossa casa 'a cultura né' nós não deixa

Nos exemplos a seguir, o falante descreve vários aspectos de seu modo de vida tradicional como alimentação, vestuário, moradia, língua e rituais festivos como o *Kyynyry* (Xingané). O





exemplo 9 (a seguir) se encaixa em um contexto de fala em que a colaboradora descreve hábitos alimentares no período de sua infância, o que nos revela uma mudança ocorrida ao longo do tempo. Revela que a produção de farinha é uma prática atual dos Apurinã. A prática agrícola da mandioca tinha historicamente outros produtos finais, como o 'beiju', o chamado 'grolado' ou 'bolão', além das bebidas 'vinho' e o 'mingau'.

- (9) kumyry kuna anhkary katyarykry
 beiju não 1PI-comer-3O.M farinha
 só beiju. Não comemos farinha

Os exemplos 10-15 são excertos que descrevem detalhes da forma como viviam os Apurinã em relação à moradia e à forma como dormiam. Como mostram os exemplos a seguir:

- (10) paxupatakĩare atha awary
 paxiúba-assoalho 1PI existir-3M.O
 vivíamos no assoalho de paxiúba

- (11) aãsupã-ra atha ymaky awakary athe sypyta iwãra atha ymaky
 folha-Foc 1PI dormir existir-3M.O deitar lá-Foc 1PI dormir
 Era em cima da folha que nós dormíamos. Deitávamos em cima das folhas.

- (12) kuna kakiekua kuna kamaxikiteruna
 Não ter-rede não ter.mosquiteiro
 Não tínhamos rede, nem mosquiteiro

- (13) maparekara aymaky hãty matakylkara amãka
 Fora 1PI-dormir um couro 1PI-roupa
 dormíamos fora e só tínhamos uma roupinha

4. Considerações Finais

O objetivo deste estudo constituiu-se, a princípio, na tentativa de encontrar aspectos da identidade Apurinã que tivessem relação direta com usos da língua. Ao longo do levantamento bibliográfico que realizamos, conseguimos compreender mais claramente que nossa busca deveria se direcionar a encontrar traços da língua que estivessem ligados a aspectos culturais e que revelassem indícios que nos permitissem realizar inferências sobre a forma como os Apurinã se identificam atualmente no meio em que vivem, tendo em vista que suas realidades atuais envolvem tanto os valores e conhecimentos tradicionais, hábitos e costumes, suas danças, a religiosidade, seus rituais, etc. como as vivências da cultura que não chamaremos mais aqui de “externa”, mas de contemporânea, que faz parte do cotidiano da maioria dos indígenas Apurinã. Para realizar tal investigação, não tínhamos, no entanto, um método preestabelecido que baseasse nossa pesquisa, uma vez que existe uma carência de estudos como esse, principalmente, no Brasil, que sejam aplicados a dados de línguas indígenas.

Após a análise dos dados obtidos, entendemos que ao longo da história, os falantes da língua Apurinã encontraram vários mecanismos dentro do léxico da língua e do seu sistema, necessários para que os Apurinã pudessem manter sua competência comunicacional no interior de espaços





geográficos e temporais que lhes exigiam conhecimentos de mundo que não faziam ainda parte de seu modo de vida tradicional. Ou seja, os Apurinã construíram, ao longo do tempo e de sua história, estratégias linguísticas para se comunicarem com pessoas não indígenas que em determinado ponto de sua trajetória passaram a fazer parte do seu dia-a-dia. E junto com elas passaram a fazer parte também as vivências próprias do cotidiano do não-índio, como trabalho, alimentação, a língua, as festas e a cultura.

Não poderíamos, no entanto, apresentar aqui, informações concludentes sobre a identidade do povo Apurinã, uma vez que este aspecto não se constitui como um conceito fechado e inerte. Neste caso, preferimos em vários momentos do corpo desta dissertação nos referir a nossa investigação com a expressão ‘traços de identificação’ ou ‘traços de identidade’, pois, nesse sentido, pudemos elencar exemplos que ilustrassem esse aspecto.

A identidade de um povo não poderia ser mapeada, como um diagnóstico exato ou o traçado de um perfil, pois as características que a ela estão ligadas como a cultura, a língua, os fatores sociais têm como fio condutor a dinâmica, ou seja, algo que está em constante movimento, passível de alterações e de mudanças à medida em que as relações sociais, interpessoais e com o tempo e espaço ocorrem. Dessa maneira, essa dissertação se propôs a identificar e descrever os traços ou elementos da identidade Apurinã. Os dados revelaram ainda a real relação da dinâmica da identidade com a corporalidade dos Apurinã, uma vez que, para eles, a sua condição de indígena e de Apurinã está significativamente ligada à sua existência física, seus fluidos corporais, seus hábitos que envolvem, de alguma forma, o corpo, como a alimentação, por exemplo, o que em nosso entendimento, inclui também a língua, a fala. Em nossa compreensão, a língua e a fala estão inseridas no contexto do povo Apurinã como elementos que estão intrinsecamente ligados à sua existência física, natural, assim como outros que também são inerentes a essa existência como seu próprio corpo, suas restrições alimentares e o uso de substâncias como o rapé e o katsupary. Outros elementos ligados a essa dimensão são os fluidos corporais, as características físicas e genéticas mencionadas pelos Apurinã quando justificam seu pertencimento ao povo. Entendemos também que, de acordo com o conhecimento Apurinã, sua relação com os seres da floresta é construída a partir de uma perspectiva mútua de respeito a regras naturais transmitidas há gerações.

Nossos dados demonstram ainda a forma como o povo Apurinã movimentou sua tradição para garantir sua sobrevivência, a partir de princípios também político-ideológicos, atuando como sujeito de sua existência e não como vítima da cultura e do modo de vida do não indígena. Da mesma forma, o povo Apurinã persistiu em manter determinados costumes, o que lhe deve ser legitimamente garantido, pelo direito de ter a guarda da memória de seus antepassados e suas práticas tradicionais, valorizando sua história com a capacidade de se modificar, dentro das realidades que, para eles, forem convenientes.

Referências

AGUILERA, V. A. Crenças e Atitudes Linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. *Estudos Linguísticos*, v. 37, n. 2, pp. 105-112, 2008.

BONVILLAIN, N. *Language, Culture and Communication: the meaning of messages*. Lanham: Rowman & Littlefield, 1993.





- BRANDÃO, A. P. B. *Dicionário da Língua Apurinã*. Belém. 2006. Monografia (Licenciatura em Língua Portuguesa) – Departamento de Letras e Literaturas Vernáculas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. *Caminhos da Identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- CEZARIO, M. M. VOTRE, S. Sociolinguística. In MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Manual de Linguística*. 2ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 141-155.
- DUBOIS, J. et alli. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- EDWARDS, J. *Language and Identity*. New York: Cambridge University Press, 2009.
- FACUNDES, S. S. *The Apurinã (Arawak) Language of Brazil*. 2000. Tese (Doutorado) – SUNY-Buffalo, 2000.
- FACUNDES, S.; LIMA-PADOVANI, B. F. S.; FREITAS, M. F. P. Empréstimos Linguísticos e seu Papel na Compreensão do Passado dos Apurinã. In MENDES, G.; APARICIO, M. (Orgs). *Álbum Purus II*. Manaus: EDUAM/UFAM (no prelo).
- IBGE. *O Brasil Indígena*. Brasília: IBGE, 2010. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/o-brasil-indigena-ibge>>. Acesso em out. 2019.
- HALL, S. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- ILARI, R. Reflexões sobre Língua e Identidade. In BORBA, L. R.; LEITE, C. M. B. (Orgs.). *Diálogos entre Língua, Cultura e Sociedade*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2013. pp.17-50.
- LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LÉVI-STAUSS, C. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.
- LIMA-PADOVANI, B. F. S. *Variação, Mudanças e o “Duplo Vocabulário” na Língua Apurinã Aruák*. 2013. Monografia (Licenciatura em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.
- LIMA-PADOVANI, B. F. S. *Levantamento Sociolinguístico do Léxico da Língua Apurinã e sua Contribuição para o Conhecimento da Cultura e História Apurinã (Aruák)*. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.
- SCHIEL, J. *Tronco Velho: Histórias Apurinã*. 2004. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- SCHIEL, J. Apurinã. Povos Indígenas do Brasil. São Paulo: Instituto Sociambiental, 2018. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Apurin%C3%A3>>. Acesso em out. 2019.
- VILAÇA, A. O que significa tornar-se outro? Xamanismo e contato interétnico na Amazônia. *Revista brasileira de Ciências Sociais*, v. 15, n. 44, 2000.

